

**SOLDADERAS: IMAGENS FEMININAS DA REVOLUÇÃO,  
TRADUÇÕES E TRANSFORMAÇÕES SIMBÓLICAS**

Acom, Ana Carolina Acom; Doutora; Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
(UNIOESTE); anacarolinaacom@gmail.com<sup>1</sup>

**RESUMO**

Esta pesquisa faz parte de um projeto que investiga representações de personagens da cultura Latino-Americana em suas aparições nas artes, cinema e imaginário popular. Nesta apresentação, trago a figura das *Soldaderas* para pensar a estética da Revolução Mexicana em traduções femininas, que perpassam múltiplas camadas da cultura ao longo do tempo: entre discursos sobre seus papéis domésticos na revolução até as suas condições de emancipação. Em processos ambíguos, sendo mães, irmãs, filhas, esposas, amantes, ou outras identidades, ora eram tratadas como prostitutas, cozinheiras, ora idealizadas em submissas paixões românticas masculinas. O reconhecimento histórico de que foram mulheres soldado foi encoberto por muitos anos pela figura romântica das *Adelitas*, em certo sentido, sinônimo para *Soldaderas*, mas poetizado pelo cinema, canções populares e publicidade, que as transformaram em delicadas e sensuais heroínas, quase *pin-ups*. Essas representações se afastam da figura revolucionária e bruta, que muitas vezes, precisou travestir-se em roupas masculinas e podemos ver portando rifles e cartucheiras, em imagens muito próximas às mulheres do cangaço no Brasil.

A Revolução Mexicana foi a primeira revolta social do século XX, irrompida em 1910, sete anos antes da Revolução Russa. Sua abordagem estética passa pelos heróis bandoleiros, ou bandido social, figuras que povoam os movimentos de independência da América Latina e outros conflitos sociais. No entanto, é nas imagens de arquivos e nas personagens do cinema que podemos ver a figura feminina como subversão imagética revolucionária, rompendo com

<sup>1</sup> Pos-doutoranda no PPG Sociedade, Cultura e Fronteiras da Unioeste, com pesquisa intitulada: "Fronteiras e Estéticas no Cinema Latino-Americano: Entre Personagens, Traduções e Culturas". Doutora pelo mesmo programa, Mestre em Educação na linha de Filosofias da Diferença (UFRGS), Graduada em Filosofia (UFRGS) e Especialista em Moda, Criatividade e Inovação (SENAC/RS).

expectativas de gênero, temos histórias de muitas mulheres que fizeram parte fundamental da luta contra o ditador Porfirio Díaz.

As imagens das *Soldaderas* armadas em campo de batalha oscilam entre imagens posadas com vestidos brancos, muito próximos aos vestidos tradicionais ainda parte da cultura mexicana, a vestes mais simples, esfarrapadas, descalças, por vezes em chapéus, outras com lenços na cabeça, todavia, sempre com cartucheiras ou echarpes cruzadas no peito. Ao trazer essas figuras para contemporaneidade e as contrastar com as românticas distorções em que foram inseridas, podemos pensá-las como manifestações de desobediência estética e institucional como referida por Walter Mignolo (2010). A estética nas representações das *Soldaderas* pode ser ferramenta política e decolonizadora, sobretudo, na inversão do papel de gênero feminino, que não era associado à luta armada em 1910, mas à silhueta em “S” da *Belle Époque* europeia, como podemos ver em uma publicidade do mesmo período no livro “Mextilo - memoria de la moda mexicana” (2017). O rompimento da expectativa naturalizada da identidade de uma mulher nesse período colapsa “el sistema moderno-colonial de género” (María Lugones, 2008). Desse modo, foi evidente o apagamento da relevância histórica dessas mulheres e uma tentativa de transformação de seus papéis em figuras midiáticas e não guerreiras.

**Palavras-chave:** soldaderas; Revolução Mexica; estética.